

# CUIDADO: POISON HIVYS À SOLTA!

MARCELO SECRON BESSA

PROFESSOR DE LITERATURA (RJ) E AUTOR DE HISTÓRIAS POSITIVAS:  
A LITERATURA (DES)CONSTRUINDO A AIDS (RECORD, 1996)

Saída diretamente dos quadrinhos para o filme *Batman & Robin*, de Joel Schumacher, a vilã Poison Ivy (Hera Venenosa), interpretada por Uma Thurman, é curiosíssima. Após ser assassinada por seu chefe com toxinas animais e vegetais, a dra. Pamela Isley, uma feiosa cientista botânica, renasce da terra totalmente diferente: bela, sedutora, gostosa e ... venenosa. Com um irresistível apelo sexual, a ruiva Poison Ivy é capaz de atrair qualquer um e, também, de matar todos aqueles que, seduzidos, beijam seus venenosos lábios.

Quando assisti nas telas à sedução letal de Poison Ivy, percebi que ela poderia ser mais um ingrediente para alimentar, mesmo que comicamente, a percepção das pessoas com HIV/AIDS na mídia. Apesar de o estigma observado nos meios de comunicação estar decrescendo, sobrevive, lado a lado, um pavor insano em relação às pessoas soropositivas. Como vampiros, invasores de corpos, replicantes e outros seres fantásticos - assim diz, explícita ou subliminarmente, a mídia -, pessoas soropositivas parecem ser **normais**, mas não são, portanto, cuidado! A essa galeria hollywoodiana, vem somar-se o *serial killer*, recente e exemplarmente personificado pelo garoto de programa Andrew Cunanan, o assassino HIV+ do estilista italiano Gianni Versace. Cunanan matou o estilista e outros homens a tiros, mas, assim sugeriu a mídia, pode ter assassinado muitos outros mais com seu esperma soropositivo.

## "PREDADORES"

Não foi de se estranhar, portanto, a reportagem "Predadores sexuais", capa do caderno "Jornal da Família" de *O Globo*, de 7/12/97. A reportagem alertava a população para os perigosos soropositivos - homens e mulheres - que vêm se dedicando à contaminação de pessoas inocentes. Até aí nada de mais, já que - repito - é uma chamada recorrente na mídia. Contudo, previsíveis não eram as declarações dos médicos Dario Hart Signorini e Carlos Alberto Moraes Sá, do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, e da médica Maria Inez Linhares de Carvalho, do ambulatório do Banco da Providência, todos do Rio de Janeiro.

Os dois primeiros cunharam a pérola "predador sexual" para nomear um tipo de soropositivo identificado, segundo eles, num estudo com pacientes do Gaffrée e Guinle. Apresentando as características sócio-econômicas e psíquicas distintas dos predadores - que lembram a arcaica tipologia médica do final do século 19, já estudada e criticada amplamente por Michel Foucault - os médicos tentam, num manual prático de defesa do predador, alertar a população para o perigoso sedutor. Mais contundente é a Dr.a Maria Inez de Carvalho, ao imprimir a classificação de *serial killers* para essas "pessoas revoltadas que contaminam por vingança".

Caso as declarações fossem dadas por um moralista ou preconceituoso de plantão, até seriam coerentes, mas, nesse caso, não o são, visto que os autores são médicos. E, mais ainda, a voz de um profissional da área de Saúde tem responsabilidade não só médica mas também social e, principalmente, ética. Uma declaração como essa não traz, ao contrário do que se pretende e imagina, mais informação e prevenção por parte da população. Traz apenas o pânico e, o que é pior, uma

discriminação generalizada a todas as pessoas soropositivas, que passam a ser vistas como predadores sexuais ou *serial killers*. A prevenção do HIV, seguindo as declarações desses médicos, deixa de ser uma responsabilidade de todos - soropositivos e soronegativos - para ser apenas de alguns, justamente dos soropositivos. Além disso, no cenário atual onde todos já ouviram falar de AIDS, não há somente *serial killers*. Será que os médicos já identificaram o *serial suicidal*?

## AUTO-ESTIMA

Sim, provavelmente há pessoas que infectam outras coincidentemente. Mas é preciso muito tato ao fazer tal afirmação, já que, no grande contingente de pessoas infectadas no país, tratam-se de caso isolados. Na maioria dos casos de infecção pelo HIV, o portador nem sabe que é positivo. Além disso, é mais que sabido por psicólogos e coordenadores de grupos de convivência – e provavelmente pelos médicos acima - que a primeira reação de uma pessoa que se descobre soropositiva é justamente o oposto da contaminação por “vingança”, ou seja, o abandono das vidas afetiva e sexual. Em muitos casos, apenas após um longo trabalho de auto-estima a pessoa se acha apta e com direito a novamente expressar seu afeto. Assim, semear o pânico só leva à discriminação, infelizmente ainda tão presente na vida de milhares de pessoas soropositivas. E a melhor maneira de prevenção continua sendo lembrar que a AIDS é um problema de todos – soropositivos e soronegativos – e uma responsabilidade de cada um com sua própria vida.

Por último, caso os doutores ainda insistam nas classificações, um conselho: que tal Poison HIVy? É mais cômico e, talvez, poético.

---

## E A CACA ÀS BRUXAS CONTINUA...

---

Publicado no Informe ABIA, no início de dezembro de 1997, o artigo acima foi, de certa forma, premonitório, tendo em vista as notícias veiculadas na mídia na segunda quinzena de fevereiro de 1998. Em uma única semana, os jornais e TVs noticiaram os casos de duas prostitutas soropositivas, uma italiana e outra israelense, de 49 e 70 anos respectivamente, que se dedicavam à transmissão do HIV em massa entre seus clientes. Cientes da soropositividade - assim foi divulgado nos jornais -, não exigiam o uso da camisinha nem revelavam aos clientes a condição sorológica. Uma estando presa e a outra sendo literalmente caçada, as autoridades italianas e israelenses tentavam, assim, avisar às suas "vítimas" - os 'incautos' e 'inocentes' clientes - o risco por que passaram e/ou passam.

Na mesma semana, os jornais brasileiros noticiaram que a comissão especial do Ministério da justiça incluiu, em 18 de fevereiro, um artigo no anteprojeto de reforma do Código Penal, a ser enviado ao Congresso em abril, que prevê cadeia - de três meses a um ano - ao soropositivo, ciente de sua condição sorológica, que fizer sexo sem camisinha. Caso a transmissão seja efetivamente comprovada, a pena aumenta para seis meses a dois anos.

De fato, essas notícias vêm apenas reiterar tudo o que foi escrito no artigo: que a AIDS ainda não é um problema de todos – soropositivos e soronegativos. Apenas aos primeiros compete a prevenção e o direcionamento da epidemia. Apesar de os binarismos assassino/vítima, culpado/inocente, entre outros, não serem mais de forma alguma sustentáveis, percebe-se que continuam sendo uma saída fácil para delegar aos outros a responsabilidade de cada um com sua própria vida.

De resto, fica uma dúvida. Seguindo essa atual lógica policialesca, será que a comissão especial também não cogita a idéia de cadeia para soronegativos que fizerem sexo sem camisinha? Ao menos, é mais coerente e democrático. (M.S.B.)

---

## TROCANDO IDÉIAS COM SERGIO BRITTO

POR JACINTO CORREA\*  
Jornalista

### **PREVENÇÃO: EXPRESSÃO NO PALCO E NA VIDA**

*Ator, autor e diretor teatral, Sérgio Britto é um capítulo importante na história do teatro brasileiro. Nesta entrevista exclusiva ao **Boletim ABIA**, ele comenta como o meio artístico vem enfrentando a epidemia de HIV/AIDS e anuncia que pretende remontar a peça Retrato em Preto e Branco, de sua autoria, que, entre temas essenciais à vida e à luta cotidiana, aborda a AIDS.*

#### **DE QUE MANEIRA O SENHOR ANALISA A RELAÇÃO TEATRO E AIDS?**

O teatro já fez muitas peças em que o assunto, o drama da AIDS aparece muito claramente. Principalmente o teatro norte-americano, que já montou cerca de 30, 40 peças sobre a questão. Algumas delas foram representadas no Brasil, mas não tiveram a repercussão que poderiam. Em termos nacionais, por exemplo, o Vagner de Almeida escreveu e dirigiu a peça *Cabaret Prevenção*. Em 1996, escrevi e dirigi *Retrato em Preto e Branco*, peça que percorreu 26 unidades do Serviço Social da Indústria (SESI), localizadas no subúrbio carioca. Foram apresentações em que fizemos uma discussão direta sobre preservativo em várias situações: no combate à AIDS, à gravidez precoce, que é uma grande tragédia entre a gente jovem, entre outros temas.

#### **RETRATO EM PRETO E BRANCO É UMA PEÇA ESPECÍFICA SOBRE AIDS?**

A peça não fala apenas em AIDS, aborda também temas como preconceito racial, aborto, religião, bem como sexo precoce. Quando o sexo é feito cedo demais, vira uma coisa que não é a verdadeira, torna-se um “vapt vupt” mecânico, sem sentido. Na peça, trabalho com mais um ator e uma atriz. O roteiro baseia-se em canções brasileiras, poemas de Brecht, piadas de Millôr Fernandes, cenas de peças e textos de minha autoria. Na verdade, o público vai acompanhando o homem através do tempo, nos seus movimentos políticos, até chegar à atualidade.

O homem de hoje ainda enfrenta situações bastante complicadas. É impressionante, por exemplo, a posição ainda retrógrada da Igreja Católica, resultando numa total falta de comunicação ao sugerir atitudes como castidade ou o não uso do preservativo.

#### **COMO CIDADÃO, COMO O SENHOR VÊ A AIDS HOJE NO PAÍS?**

A geração atual foi fulminada por essa tragédia. Nós, que somos de outra geração, sabemos como era maravilhosa a liberdade sexual que havia. Hoje, estamos todos limitados em função da

AIDS. Mas o que me preocupa é que a gente fala, olha no olho dessa garotada, mas eu não sinto eles muito preocupados.

Acredito que o mais difícil em relação à AIDS seja conscientizar as pessoas, fazer com que as informações realmente entrem na cabeça delas. Isso, para mim, é o mais grave. Infelizmente a maioria das pessoas, mesmo vendo gente morrendo à sua volta, pensa: “Isso não vai acontecer comigo”.

### **A CHEGADA DA AIDS CONFIRMOU A PERSISTÊNCIA DE PRECONCEITOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA. OS ARTISTAS FORMA E CONTINUAM SENDO MUITO VISADOS?**

A classe artística está sempre exposta. Ela está em cena. O advento da AIDS é uma prova disso. No início da epidemia falavam que a AIDS era coisa de homossexual - e o artista é considerado homossexual por excelência no Brasil, o que é uma mentira fantástica. Existem homossexuais no teatro, como existem no Banco do Brasil, Aeronáutica, Marinha, Exército, Corpo de Bombeiros etc. É lógico que no mundo artístico cabe a homossexualidade, porque sem dúvida alguma, sem querer fazer a glória do homossexualismo, o homossexual, em geral, é uma pessoa de sensibilidade especial.

E certamente essa sensibilidade também fez com que nós, atores, estejamos mais conscientes hoje em dia do que outras categorias profissionais. Infelizmente, perdemos muitos colegas de teatro, o que, no início da epidemia, chamou muita atenção. Mas se você for ver quantas pessoas morrem diariamente de AIDS, o número de atores que morre é pequeno. Só que a cada morte de ator há sempre uma notícia, um chamariz, em cima da AIDS e do ator.

### **COMO O SENHOR ANALISA A RESPOSTA DA CLASSE ARTÍSTICA À AIDS?**

Houve um momento em que as pessoas sofreram em silêncio por causa disso, houve muita gente que morreu silenciosamente. Mas acho que hoje em dia, as pessoas já estão dizendo mais abertamente "eu estou com AIDS". Já vi casos como o da Sandra Bréa, o Carlos Augusto Strasser, enfim, pessoas que admitiram a AIDS, inclusive como uma espécie de aviso: “Existe sim. Se estão pensando que não vai atingir vocês, cuidado. Atingiu a mim”. Mas eu acho que no Brasil a consciência real em relação à AIDS ainda está por vir.

Acho que precisam acontecer mais coisas, mais reuniões, mais discussões sobre a AIDS. E também tirar o medo excessivo: algumas pessoas têm medo de beijar as outras, não bebem em xícaras usadas por pessoas com HIV. Acho que é fundamental esclarecer melhor, com riqueza de detalhes: falar sobre as outras doenças sexualmente transmissíveis, da possibilidade ou não de transmissão do HIV no contato com os instrumentos dos dentistas etc. Falta uma campanha de peso, para discutir a AIDS de forma profunda.

Outra coisa importante de ser dita é que, atualmente, uma pessoa estar HIV positiva não significa que ela irá morrer. Conheço muita gente que já está com o vírus há muitos anos e continua bem, melhorando a cada dia que passa. Eu acredito na cura da AIDS, e acho que acontecerá antes da cura do câncer, que mata muito mais gente.

### **HÁ ALGUMA PEÇA SOBRE AIDS DE SUA PREFERÊNCIA?**

Como disse anteriormente, a maioria das peças e filmes norte-americanos, por exemplo, é muito dramática, busca um efeito emocional em cima da AIDS não conseguindo um raciocínio mais importante. Mas alguns tocam em assuntos interessantes, como a fidelidade. A verdade é que a AIDS criou uma nova moral e, portanto, uma nova maneira de relacionamento.

A peça que mais gosto é *Angels in America*, mas que aqui foi mal montada e não teve repercussão alguma. Nos Estados Unidos era um espetáculo maravilhoso, com muita força, uma coisa de luta, principalmente por ser dedicada a um grupo de homossexuais já mortos. No final, um anjo levava o rapaz HIV positivo para o céu para morrer. Chegando lá, ele dizia: “Não, eu não quero ficar aqui, prefiro voltar, sofrer o resto da minha vida lá, mas viver”. Era uma afirmação muito bonita da resistência do ser humano. Acho isso muito procedente. Se a pessoa está com AIDS, o que pode fazer? Tentar viver. Hoje em dia há possibilidades e é preciso levar a vida com dignidade. Há pessoas que se entregam às baratas, outras se escondem. Acho que esta bem aquele que enfrenta a verdade e procura ajudar os outros a se aceitarem. É fundamental conversar sem medo com os amigos sobre a AIDS. Não é também ficar falando de AIDS o dia inteiro, ninguém em volta vai agüentar, mas não ter medo de falar.

### **COMO O TEATRO PODE COLABORAR NA LUTA CONTRA HIV/AIDS?**

O teatro é sempre o resultado do que está no ar. Se não há consciência, o teatro não vai refletir consciência alguma. O teatro é sempre o reflexo da sociedade em que está inserido, não pode passar à frente, a não ser que fique empenhado em ser politicamente correto. Atualmente, não é fácil fazer peças sobre AIDS. Quem vai ver? Quem vai montar? Com que dinheiro? Só se tiver uma campanha pública de saúde para incentivar, para patrocinar essa idéia e bancar as montagens, para permitir que pessoas estudassem para escrever peças sérias e ao mesmo tempo pulsantes, capazes de interessar ao público de teatro.

\*Colaborou Marta Torres

# OLHAR POÉTICA SOBRE A AIDS

MARTA TORRES

ESTUDANTE DE JORNALISMO E ESTAGIÁRIA DA ABIA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

A última semana do mês de novembro passado reservou um acontecimento especial para quem gosta de arte e literatura, e também se preocupa com a prevenção da epidemia de HIV/AIDS: o concurso de artes plásticas e literatura AIDS um Olhar, promovido pelo Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), com o apoio de núcleos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Realizado todo ano na semana que antecede o dia 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta contra a AIDS, o concurso conta com a participação de pessoas da comunidade e profissionais de saúde, que inscrevem trabalhos que retratam sua visão particular sobre a doença.

*AIDS um Olhar* não é o único evento que o HUPE organiza para a comunidade. No ano passado, por exemplo, paralelamente ao concurso de artes plásticas e literatura foi realizado um curso de AIDS - que tinha a finalidade de repassar as principais informações sobre a doença -, além de exposições, palestras e exibição de filmes comerciais, cujos temas abordam a epidemia. "Esperamos com isso sensibilizar a comunidade em torno da questão da prevenção da AIDS através da arte, para que as pessoas possam agir como multiplicadores de informação", explica a dra. Dirce Bonfim, do Serviço de Doenças Infecciosas e Parasitárias do HUPE.

As atividades envolvendo a comunidade começaram em 1993, quando o HUPE promoveu, pela primeira vez, uma caminhada no dia 1º de dezembro pelas ruas do bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Durante a caminhada, profissionais de saúde conversavam com a população sobre prevenção de HIV/AIDS, enquanto distribuíam materiais informativos. Já em 1995, teve início uma série de cursos para a comunidade, que chamavam a atenção das pessoas para a epidemia. Ainda nesse ano também começou o concurso dos trabalhos de artes plásticas, que incluíam esculturas, pinturas, desenhos ou qualquer modalidade artística que abordasse a AIDS. Somente no ano seguinte, em 1996, foi criado o concurso de literatura, que abrange textos em prosa e verso.

## EXPERIÊNCIA DE SUCESSO

Dentro da temática da AIDS, os participantes do concurso são livres para dar um enfoque pessoal aos trabalhos que elaboram. Os aspectos mais encontrados nas obras relacionam-se à prevenção, ao drama vivido pelos soropositivos e à solidariedade. Após passarem pela avaliação de uma banca composta por professores de literatura, os melhores trabalhos são escolhidos e, seus autores, premiados com medalhas, troféus e livros. A entrega dos prêmios é feita em uma cerimônia na qual os trabalhos são apresentados.

Na versão 97 do concurso, o conto *Tarde da Noite*, escrito pelo ator, roteirista e escritor Carlos Dunham, foi o vencedor do concurso de literatura. A segunda colocação foi dada à poesia escrita por Gustavo José dos Santos Lopes, de apenas 9 anos.

O número de pessoas que participam das atividades vem aumentando a cada ano, o que mostra a repercussão positiva dos eventos realizados pelo HUPE. No concurso de artes plásticas de 1997, por exemplo, se inscreveram 26 pessoas, enquanto 12 participaram do concurso de literatura. Cada vez mais, homens, mulheres, adolescentes, crianças, idosos, profissionais de saúde se inscrevem nos concursos - que são divulgados por clubes, rádios, imprensa e igrejas - e comparecem às demais atividades, ao mesmo tempo em que os trabalhos apresentados para o *AIDS um Olhar* melhoram em qualidade. Tanto que, este ano, os organizadores do concurso pensam em ampliá-lo, reunindo os trabalhos por modalidades artísticas e faixa etária.

# NOVAS FORMAS PARA FALAR DE AIDS

MARCELO PEREIRA E RAUL MOURÃO  
DESIGNERS DA 2D, RIO DE JANEIRO

Por ainda ser tabu em vários setores da sociedade brasileira, falar em AIDS, seja sob forma de texto, seja graficamente, requer, antes de mais nada, seriedade. No entanto, é possível abordar a epidemia de maneira leve, sem deixar de ser responsável. Apostando nessa linha para o desenvolvimento de uma linguagem visual, há três anos a 2D Design vem criando projetos gráficos para o Banco de Horas, projeto do Instituto de Ação Cultural (IDAC), do Rio de Janeiro.

Dedicado à questão da saúde mental e AIDS e suas aplicações na assistência e prevenção, o Banco de Horas baseia-se no trabalho voluntário de profissionais da área, oferecendo psicoterapia gratuita, de tempo indeterminado, para pessoas vivendo com HIV/AIDS, seus familiares e companheiros.

Por ter uma proposta bastante específica e diferenciada no universo das entidades que prestam serviços em AIDS no país, o trabalho desenvolvido pelo Banco de Horas exigiu a criação de uma linha gráfica que apresentasse uma linguagem metafórica, até mesmo poética, com símbolos absolutamente próprios. O uso de cores contundentes e tipos de letra fortes, slogans lembrando manchetes de jornal são alguns dos instrumentos gráficos utilizados pela 2D para passar informações que lidam com um campo extremamente abstrato quanto o da saúde mental em relação à AIDS.

## **IDÉIA DE INCLUSÃO**

Os trabalhos criados - desde Questão de Honra, texto relativo ao Dia Mundial de Luta contra a AIDS, em 1993, passando pelos boletins e folhetos específicos sobre a assistência terapêutica, como AIDS, Sujeito e Comunidade e Pontes: AIDS e Assistência - apresentam projetos gráficos que reforçam a idéia de inclusão, ou seja, procuram confirmar a AIDS como algo que já faz parte do cotidiano. Para isso, geralmente são utilizadas ilustrações e fotos específicas, além de palavras chave geralmente escritas com bastante destaque.

De uma maneira geral, um bom projeto gráfico, aquele que, de alguma forma, consegue sensibilizar o público a que se destina. Em relação à AIDS, atingir esse conceito torna-se um desafio ainda maior, o que requer cuidados específicos e uma boa dose de emoção, envolvimento e consciência por parte de quem cria. Afinal, falar de HIV/AIDS é falar de vida.

Criatividade é sempre bem-vinda, por todas as pessoas e em todas as épocas. O design pode, e muito, colaborar no enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS, principalmente não sendo alarmista na criação e veiculação das mensagens: a leveza pode ser mais convincente e atraente do que a rigidez gráfica.

Banco de Horas

Tel.: (021) 274-7272/511-0142 - Fax: (021) 512-6862 - E-mail: [info@bancodehoras.org.br](mailto:info@bancodehoras.org.br)

Homepage: <http://www.bancodehoras.org.br>

## PROJETO TEATRO DE RUA CONTRA A AIDS

### PREVENÇÃO AO ALCANCE DE TODOS

RANULFO CARDOSO JR.

CONSULTOR DA ÁREA DE PREVENÇÃO DA COORDENAÇÃO ESTADUAL DE AIDS DO CEARÁ E COORDENADOR DO PROJETO TEATRO DE RUA CONTRA A AIDS

*Auto da Camisinha* é a peça, de autoria do dramaturgo cearense José Mapurunga, cuja montagem faz parte do projeto Teatro de Rua contra a AIDS, desenvolvido desde o ano passado em 16 municípios do Estado do Ceará. Em linguagem de cordel - que propõe imagens populares trazidas dos autos e folguedos -, a peça traz á cena a história de um casal sertanejo preparando sua primeira noite de amor: Benedito, um quixote ingênuo e apaixonado, e Lionor, uma moça ardente e experiente, que faz do preservativo uma questão de respeito. Também participam da peça o Poeta Menestrel, personagem que chama a atenção para a assistência, o Diabo e o Anjo da Guarda. Ao final da peça, Benedito, com a orientação de seus protetores, aprende que a camisinha é a chave do amor sem medo.

Com objetivo de mobilizar grupos de teatros do interior para desenvolver um trabalho educativo e preventivo que atingisse os setores mais populares da sociedade - inclusive analfabetos -, a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará por meio da Coordenação Estadual de DST/AIDS, realizou, em uma etapa anterior ao projeto Teatro de Rua contra a AIDS, a Oficina de Sensibilização sobre DST/AIDS, dirigida a atores e diretores de teatro de rua do interior do estado.

Coube aos 17 grupos presentes na oficina apresentar um projeto de intervenção educativa, apoiados no texto *Auto da Camisinha*. A Coordenação Estadual de DST/AIDS, por sua vez, recebeu 15 propostas de intervenção educativa e aprovou todos os projetos, liberando ajuda de custo para cada grupo.

Estimular os artistas para o desenvolvimento de uma ação social com as populações mais humildes do estado, conscientizá-los a se engajarem em uma militância articulada, solidária e cidadã - entre seus pares, inclusive - contra uma epidemia que atingiu duramente a categoria social dos artistas do mundo inteiro foi um dos principais propósitos que estimularam a organização do projeto Teatro de Rua contra a AIDS. Além disso, houve a oportunidade de oferecer às secretarias municipais um produto bem acabado, de qualidade, que poderá ser amplamente utilizado como apoio às ações locais de prevenção às DST/AIDS.

Importante observar que o projeto está apoiado em informações não somente técnicas, mas incorpora elementos da cultura local, tornando as principais lições relativas à prevenção do HIV mais próximas da população. Ao se propor a facilitar, estimular e potencializar a mobilização permanente dos artistas do Ceará contra as "epidemias" que o HIV/AIDS suscitam, o projeto ganha ainda mais destaque em relação a outras intervenções que já usaram o teatro de rua para facilitar o acesso à informação da população em geral...



## LINGUAGEM ACESSÍVEL

Numa época em que a epidemia de HIV/AIDS está atingindo as camadas mais pobres da população brasileira, a idéia de colocar a literatura de cordel a serviço de um programa de saúde oferece à população a possibilidade de se relacionar com a epidemia de uma forma menos distante e mais presente no seu cotidiano. Ao oferecer elementos que podem servir de modelo para outras intervenções semelhantes, o projeto Teatro de Rua contra a AIDS mostra-se inovador - refletindo o grau de profissionalismo e parceria que caracterizam o programa de AIDS do Estado do Ceará.

Para ter a garantia de que os objetivos do projeto foram alcançados, monitorar tecnicamente a intervenção dos grupos nos municípios e, ao mesmo tempo, estimular um maior cuidado com a qualidade das montagens do espetáculo *Auto da Camisinha*, a Coordenação Estadual de DST/AIDS formou uma comissão julgadora para selecionar os grupos que melhor atenderam aos critérios definidos pela comissão. Os sete grupos recomendados pela comissão julgadora darão, de imediato, continuidade ao projeto Teatro de Rua contra a AIDS em 1998, conforme a programação estabelecida pela Secretaria de Saúde do Estado do Ceará. Os demais grupos receberão novos treinamentos e capacitação para que, em breve, também possam estar em condições favoráveis para se reintegrarem ao projeto.

O nível de mobilização comunitária, envolvimento dos atores como educadores - entre a categoria dos artistas e entre as suas comunidades - foram fatores fundamentais como parâmetro de análise. Com base nesses critérios, a Coordenação Estadual de DST/AIDS espera estimular o desenvolvimento de uma intervenção educativa que fortaleça a auto-estima da população, fazendo-a ter certeza de que todos podem se proteger contra a AIDS.

# **TRUPE DA SAÚDE:**

## **ALEGRIA CONTRA A AIDS**

JOSÉ JUNIOR

COORDENADOR EXECUTIVO DO GRUPO CULTURAL AFROREGGAE/RJ

**P**or ser uma ONG que trabalha o tempo todo com a praticidade e concepções orgânicas, o Grupo Cultural AfroReggae (GCAR) resolveu lançar o seu primeiro projeto independente de prevenção à AIDS com a cara da alegria e da vida. Pode parecer contraditório tratar de um tema como a AIDS utilizando elementos circenses e do teatro de rua, mas quem disse que para falar de AIDS tem que se falar automaticamente de morte? Se o tema aparentemente já é assustador para as classes bem informadas, imagine para aquele público que não tem acesso à informação, saúde e educação.

A *Trupe da Saúde* foi criada, em 1997, para atingir em cheio os jovens que residem em favelas e estudam na rede de ensino público, jovens que geralmente não se identificam com as campanhas do Ministério da Saúde e que também não têm o hábito de utilizar preservativos nas relações sexuais.

Criar uma identificação entre a Trupe e o seu público-alvo foi o objetivo principal do GCAR. Por isso, todos os componentes são moradores da favela de Vigário Geral e já participaram da Banda AfroReggae, facilitando ainda mais o desembaraço com o público. Acreditamos estar contribuindo, de alguma maneira, para uma nova forma de discussão com o público, uma forma mais popular, ampliando a discussão para outras epidemias e problemas sociais que atingem de forma contundente a população de baixa renda.

A Trupe da Saúde faz incursões gratuitas em favelas, escolas, associações comunitárias, praças públicas e onde mais for convidada e conta com apoio das fundações norte-americanas Levi-Strauss e Magic Johnson. Vale ressaltar que dois componentes da Trupe receberam formação técnica, ligada à AIDS, durante 18 meses dentro do Projeto Arayê, da ABIA, visitando escolas, participando de seminários e palestras.

---

### **O GRUPO CULTURAL AFROREGGAE**

---

O Grupo Cultural AfroReggae começou a trabalhar na favela de Vigário Geral um mês após a chacina que ocorreu no local, na qual morreram mais de 20 moradores, em agosto de 1993. Com a oferta gratuita de oficinas culturais, e esportivas, o COAR implementou o seu primeiro Núcleo de Cultura, visando desviar jovens do caminho do narcotráfico, do e promover a auto-estima. Como complementação dessas oficinas das quais participam jovens de 2 a 21 anos -, o grupo conta também com acompanhamentos médico (Médicos sem Fronteiras), psicológico, social e escolar.

Uma das vitrines desse trabalho é a banda AfroReggae, resultado do sucesso precoce das oficinas de dança afro e percussão. Outra iniciativa do CGAR, o Centro Cultural AfroReggae Vigário Legal, que visa estimular o autoconhecimento do corpo como fonte de assimilação e expressão de sentimentos e emoções. A principal idéia é promover o resgate da cultura afro-brasileira, a participação em festivais de música e dança, além de desenvolver - em conjunto com entidades parceiras - campanhas preventivas e informativas sobre questões sociais, através da musicalização e promoção de eventos.

---

## OUTRAS PALAVRAS

### RETALHOS DE SOLIDARIEDADE

Lançado em 1997, pela organização gaúcha Apoio, Solidariedade e Prevenção à AIDS (ASPA), o livro *Retalhos de Solidariedade* é uma coletânea de poemas e ilustrações a respeito do tema AIDS. Apresentando trabalhos dos mais variados estilos, a publicação é um retrato emocionado do de pessoas ligadas direta ou indiretamente à epidemia de HIV/AIDS.

*Retalhos de Solidariedade* é parte de um projeto do ASPA que busca envolver pessoas no combate à epidemia de HIV/AIDS através da criatividade artística. Para participar, basta enviar dissertações - poesias com ou sem rimas, poemas, textos livres - para a organização, que poder aproveitar o material para a publicação de livros, cujos recursos de venda serão revertidos em benefício das atividades do grupo na luta contra a AIDS.

O ASPA funciona à Rua São Pedro, 968, Centro São Leopoldo/RS - 93010-260 - Tel.: (051) 592-1689.

### POLÍTICAS, INSTITUIÇÕES E AIDS

A ABIA e a Jorge Zahar Editor acabam de lançar, com apoio do projeto AIDSCAP-BR/FHI/ USAID e da EZE, o livro *Políticas, Instituições e AIDS: Enfrentando a Epidemia no Brasil*, que reúne textos sobre HIV/AIDS no Brasil em pouco mais de uma década. Organizado por Richard Parker, a publicação examina as políticas que vêm surgindo em diversos setores da sociedade brasileira em resposta à epidemia.

Os textos que compõem o livro são de autoria de sete profissionais ligados às áreas social e de saúde: Euclides Ayres Castilho e Pedro Chequer (Epidemiologia do HIV/AIDS no Brasil), Paulo Roberto Teixeira (Políticas públicas em AIDS), Jane Galvão (*As respostas das ONGs brasileiras frente à epidemia de HIV/AIDS; As respostas religiosas frente à epidemia de HIV/AIDS no Brasil*), Veriano Terto Jr. (*A AIDS e o local de trabalho no Brasil*), Regina Maria Barbosa e Tania Di Giacomo do Lago (*AIDS e direitos reprodutivos: para além da transmissão vertical*) e Richard Parker (*Desafios para o futuro: questões chave para a política de HIV/AIDS no Brasil*).

Ao fazer um retrospecto do desenvolvimento histórico da política social de HIV/AIDS, com ênfase nos contextos social, político e econômico, *Políticas, Instituições e AIDS* pretende, sobretudo, ser um instrumento que ajude no estabelecimento de uma base para soluções novas e eficientes para a epidemia no país.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS – ABIA Entidade de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal Entidade de Fins Filantrópicos	<b>EXPEDIENTE</b> Boletim ABIA nº 39 Janeiro/Março de 1998 Tiragem: 12.000 exemplares Distribuição interna  Jornalista responsável e Coordenação editorial: Jacinto Corrêa - MT 19273  CONSELHO EDITORIAL: Bia Salgueiro, Fernando Sá, Jane Galvão, José Marmo da Silva, Marcelo Secron Bessa, Richard Parker e Veriano Terto Jr.	<b>REVISÃO:</b> Marta Torres e Cláudio Oliveira  Programação visual, editoração eletrônica, produção gráfica e fotolitos: A 4 Mãos LTDA  Impressão: Gráfica Reproarte  <i>Este boletim foi financiado com recursos da EZE/Evangelische Zentralstelle Entwicklungshilfe e V.</i>
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA		